

O Livro de Urântia

<< [Documento 156](#) | [Partes](#) | [Índice](#) | [Documento 158](#) >>

Documento 157

Em Cesaréia-Filipe

157:0.1 (1743.1) ANTES de levar os doze para uma curta estada na vizinhança de Cesaréia-Filipe, Jesus arranjou, por meio dos mensageiros de Davi, para que fosse a Cafarnaum, no domingo, 7 de agosto, com o propósito de encontrar-se com a sua família. Segundo o combinado, esse encontro deveria acontecer na oficina de barcos de Zebedeu. Davi Zebedeu havia arranjado com Judá, irmão de Jesus, para que toda a família de Nazaré estivesse presente — Maria e todos os irmãos e irmãs de Jesus — , e Jesus foi, com André e Pedro, ao encontro marcado. Certamente era a intenção de Maria e dos seus filhos manter o compromisso, mas aconteceu que um grupo de fariseus, sabendo que Jesus estava do lado oposto do lago, nos domínios de Filipe, decidiu encontrar-se com Maria para saber tudo o que fosse possível sobre o paradeiro dele. A chegada desses emissários de Jerusalém deixou Maria muito perturbada e, notando a tensão e o nervosismo de toda a família, eles deduziram que uma visita de Jesus deveria estar sendo esperada. E, desse modo,

instalaram-se na casa de Maria e, depois de chamarem por reforços, esperaram pacientemente pela chegada dele. E isso, na verdade, impediu definitivamente que qualquer membro da família tentasse ir ao compromisso marcado com Jesus. Por várias vezes, durante o dia, tanto Judá quanto Rute tentaram iludir a vigilância dos fariseus, nos seus esforços de mandar avisar a Jesus, mas esse esforço foi em vão.

157:0.2 (1743.2) Cedo, na parte da tarde, os mensageiros de Davi trouxeram a Jesus a informação de que os fariseus estavam acampados na porta de entrada da casa da sua mãe e que, portanto, ele não devia tentar visitar a sua família. E assim novamente, se bem que não por culpa de ninguém, Jesus e a sua família terrena deixaram de ter contato.

1. O Coletor de Impostos do Templo

157:1.1 (1743.3) Enquanto Jesus junto com André e Pedro permaneciam perto do lago, na oficina de barcos, veio um coletor de impostos do templo e, reconhecendo Jesus, chamou Pedro de lado e disse: “O teu Mestre não paga o imposto do templo?” Pedro estava inclinado a mostrar indignação com a sugestão de que se esperava que Jesus contribuísse para a manutenção das atividades religiosas dos seus inimigos jurados, mas, percebendo uma expressão peculiar no rosto do coletor, ele acertou em supor que o propósito era pegá-los no ato de recusarem-se a pagar o costumeiro meio siclo para sustentar os serviços do templo em Jerusalém. E, desse modo, Pedro respondeu:

“Pois não, é claro que o Mestre paga a taxa do templo. Espere no portão, e logo eu voltarei com o dinheiro do imposto”.

157:1.2 (1743.4) Ora, Pedro havia falado sem refletir. Judas, que tinha a posse dos fundos, estava do outro lado do lago. Nem ele, nem o seu irmão, nem Jesus haviam trazido qualquer dinheiro consigo. E sabendo que os fariseus estavam procurando-os, eles não podiam ir a Betsaida para conseguir o dinheiro. Quando Pedro contou a Jesus sobre o coletor, e que havia prometido o dinheiro a ele, Jesus disse: “Se prometeste, então devereis pagar. Mas com o que irás cumprir o prometido? Tu irás tornar-te de novo um pescador para poder honrar a tua palavra? Entretanto, Pedro, nestas circunstâncias é bom que paguemos o imposto. Não podemos dar a esses homens a oportunidade de se ofenderem com alguma atitude nossa. Esperaremos aqui, enquanto tu vais com o barco, jogar a rede buscando os peixes e, quando os houveres vendido, lá no mercado, pagarás ao coletor por todos nós três”.

157:1.3 (1744.1) Tudo isso tinha sido ouvido pelo mensageiro secreto de Davi que havia ficado por perto, e que então fez um sinal para um companheiro, que pescava perto da margem, para que viesse depressa. Quando Pedro estava pronto para sair no barco e pescar, esse mensageiro e o seu amigo pescador presentearam-lhe com várias cestas grandes de peixes e ajudaram-no a carregá-las para perto dali até o mercador de peixes, que os comprou, pagando um valor suficiente para que, com uma ajuda do mensageiro de Davi, se pagasse o imposto do templo para os três. O coletor aceitou o

dinheiro, antecipando a penalidade pelo pagamento atrasado, por terem estado durante algum tempo ausentes da Galiléia.

157:1.4 (1744.2) Não é de se estranhar que os vossos registros tragam uma cena de Pedro pegando um peixe que tinha um dinheiro na boca. Naqueles dias corriam muitas histórias sobre achar tesouros na boca de peixes; tais lendas de cunho quase miraculoso eram comuns. Assim, quando Pedro os deixou para ir ao barco, Jesus observou, não sem um certo humor: “Estranho que os filhos do rei devam pagar tributo; em geral é um estrangeiro que é taxado para ficar na corte, mas convém que não deixemos nada em que as autoridades possam tropeçar. Vai! Talvez tu pegues o peixe com o dinheiro na boca”. Jesus teria falado assim, e Pedro, tão rapidamente, teria voltado com o dinheiro do imposto; com isso não é de se surpreender que o episódio se tenha espalhado, mais tarde, transformado em um milagre como está registrado pelo escritor do Evangelho Segundo Mateus.

157:1.5 (1744.3) Jesus, André e Pedro esperaram na praia até quase o entardecer. Os mensageiros trouxeram-lhes a informação de que a casa de Maria estava ainda sob vigilância; portanto, quando escureceu, os três homens que esperavam, entraram no barco e remaram lentamente para a margem oriental do mar da Galiléia.

2. Em Betsáida-Júlias

157:2.1 (1744.4) Na segunda-feira, 8 de agosto, enquanto Jesus e os doze apóstolos estavam acampados no parque de Magadam, perto de Betsaida-Júlias, mais de cem crentes, os evangelistas, o corpo de mulheres e outros interessados no estabelecimento do Reino vieram de Cafarnaum para uma conferência. E muitos dos fariseus, sabendo que Jesus estava lá, vieram também. Nessa altura, alguns dos saduceus haviam-se unido aos fariseus no intuito de pegar Jesus em uma cilada. Antes de ir para a conferência reservada com os crentes, Jesus teve um encontro público no qual os fariseus estiveram presentes, e eles incomodaram o Mestre com perguntas e procuraram perturbar a assembléia de outras maneiras. Disse o líder dos perturbadores: “Mestre, gostaríamos que nos desse um sinal da autoridade que tens para ensinar, e, então, quando esse sinal acontecer, todos os homens venham a saber que tu foste enviado por Deus”. E Jesus respondeu-lhes: “Quando for a tardinha, vós direis que fará bom tempo, porque o céu está vermelho; pela manhã direis que fará mau tempo, porque o céu está vermelho e que as nuvens abaixaram. Quando virdes uma nuvem subindo a oeste, direis que as chuvas virão; quando o vento soprar do sul, direis que virá um calor tórrido. Como é que sabeis tão bem discernir a face dos céus, se sois tão incapazes para discernir os sinais dos tempos? Para aqueles que conhecem a verdade, já foi dado um sinal; mas para uma geração hipócrita e com a mente cheia de maldade, nenhum sinal será dado”.

157:2.2 (1745.1) E, depois de dizer isso, Jesus retirou-se e preparou-se para a conferência da noite com os seus seguidores. Nessa conferência, ficou decidido que seria organizada uma missão

unificada em todas as cidades e aldeias da Decápolis, tão logo Jesus e os doze voltassem da visita que fariam a Cesaréia-Filipe. O Mestre participou do planejamento da missão da Decápolis e, ao despedir-se do grupo, falou: “Eu vos digo: tende cuidado com a influência dos fariseus e dos saduceus. Não vos enganeis com a exibição de um grande saber e a profunda lealdade que demonstram ter às formas da religião. Preocupai-vos apenas com o espírito da verdade viva e com o poder da verdadeira religião. Não é o medo de uma religião morta que vos salvará, mas sim a vossa fé em uma experiência viva, com as realidades espirituais do Reino. Não permitais, a vós próprios, tornar-vos cegos pelo preconceito e paralisados pelo medo. Nem permitais à reverência às tradições desvirtuar o vosso entendimento daquilo que os vossos olhos não vêem e os vossos ouvidos não ouvem. O propósito da verdadeira religião não é meramente trazer a paz, mas sim assegurar o progresso. E não pode haver paz no coração, nem progresso na mente se não estiverdes amando de todo o coração a verdade e os ideais das realidades eternas. As questões da vida e da morte estão sendo colocadas bem diante de vós — os prazeres pecaminosos do tempo contra as realidades justas da eternidade. E, agora mesmo, devíeis começar a encontrar a libertação da servidão do medo e da dúvida, ao entrardes na nova vida da fé e da esperança. E, quando os sentimentos do serviço ao vosso semelhante nascerem na vossa alma, não os sufoqueis; quando as emoções do amor pelo vosso semelhante brotarem dentro do vosso coração, deveis dar expressão a esses impulsos de afeto, na ministração inteligente às necessidades reais dos vossos semelhantes”.

3. A Confissão de Pedro

157:3.1 (1745.2) Cedo, naquela manhã de terça-feira, Jesus e os doze apóstolos saíram do parque de Magadam rumo a Cesaréia-Filipe, a capital de domínio do tetrarca Filipe. Cesaréia-Filipe situava-se em uma região de uma beleza magnífica. Estava abrigada em um vale encantador, entre colinas, por onde o Jordão corria, saindo de uma grota subterrânea. O cimo do monte Hermom proporcionava visão plena para o norte, enquanto das colinas ao sul tinha-se uma vista magnífica do alto Jordão e do mar da Galiléia.

157:3.2 (1745.3) Jesus havia ido ao monte Hermom nas suas primeiras experiências com os assuntos do Reino, e, agora que estava entrando na época final do seu trabalho, desejava retornar a esse lugar de provações e de triunfos, onde esperava que os apóstolos pudessem ganhar uma nova visão das próprias responsabilidades e adquirir uma nova força, para os períodos difíceis que viriam. À medida que caminhavam, quando passaram ao sul das Águas de Merom, os apóstolos começaram a conversar entre si sobre as suas experiências recentes na Fenícia e em outros lugares, e comentaram como a mensagem deles havia sido recebida e como os diferentes povos consideravam o seu Mestre.

157:3.3 (1745.4) Ao pararem para o almoço, Jesus subitamente lançou, pela primeira vez aos doze, uma pergunta tal como jamais havia feito, a respeito de si próprio. Esta foi a pergunta surpreendente que lhes fez Jesus: “Quem os homens dizem que sou?”

157:3.4 (1746.1) Jesus passara longos meses treinando esses apóstolos, quanto à natureza e ao caráter do Reino do céu, sabendo muito bem que havia chegado a época em que devia começar a ensinar a eles mais sobre a sua própria natureza e a sua relação pessoal com o Reino. E agora, com eles assentados sob as amoreiras, o Mestre estava pronto para ter um dos diálogos mais memoráveis da sua longa ligação com os apóstolos escolhidos.

157:3.5 (1746.2) Mais da metade dos apóstolos participou das respostas à pergunta de Jesus. Eles disseram que era considerado um profeta, ou um homem extraordinário, por todos que o conheciam, e que, mesmo os seus inimigos, o temiam muito, explicando os seus poderes por meio da acusação de que estava coligado ao príncipe dos demônios. Disseram-lhe que algumas pessoas na Judéia e em Samaria, que não o haviam conhecido pessoalmente, acreditavam que ele era João Batista ressuscitado dos mortos. Pedro explicou que ele havia sido, em várias épocas e por várias pessoas, comparado a Moisés, Elias, Isaías, e Jeremias. Depois de ouvir tudo isso, Jesus colocou-se sobre os próprios pés e, olhando para os doze assentados em volta dele em um semicírculo, apontou, com ênfase surpreendente, para eles com um gesto expressivo de mão, para perguntar: “Mas, e vós, quem dizeis que eu sou?” Houve um momento de silêncio tenso. Nenhum dos doze tirava os olhos do Mestre e, então, Simão Pedro, colocando-se de pé bruscamente, exclamou: “Tu és o Libertador, o Filho do Deus vivo”. E os outros onze apóstolos assentados levantaram-se e, em uma só voz, deram a entender que Pedro havia falado por todos eles.

157:3.6 (1746.3) Depois, Jesus acenou-lhes para que se assentassem de novo, ficando ainda de pé diante deles, para dizer: “Isso lhes foi revelado pelo meu Pai. É chegada a hora em que deveis saber a verdade sobre mim. Mas por enquanto eu vos peço que não digais nada sobre isso a nenhum homem. Vamos embora daqui”.

157:3.7 (1746.4) E, assim, retomaram a viagem a Cesaréia-Filipe, chegando tarde naquela noite e parando na casa de Celsus, que os aguardava. Os apóstolos dormiram pouco naquela noite; demonstravam sentir que um grande fato havia acontecido nas suas vidas de trabalho do Reino.

4. A Palestra sobre o Reino

157:4.1 (1746.5) Desde as duas ocasiões, do batismo de Jesus, feito por João, e da transformação da água em vinho em Caná, em vários momentos, os apóstolos haviam virtualmente aceito Jesus como o Messias. Durante curtos períodos, alguns deles tinham verdadeiramente acreditado que era ele o Libertador esperado. Mas mal essas esperanças surgiam nos seus corações e o Mestre despedaçava-as com alguma palavra que os esmagava ou com um feito que os desapontava. Eles haviam estado, há algum tempo já, fortemente agitados devido ao conflito entre o conceito do Messias esperado, que eles acalentavam nas suas mentes, e a experiência fascinante do convívio que vinham tendo com aquele homem também extraordinário, o qual eles mantinham nos seus corações.

157:4.2 (1746.6) Era já o final da manhã dessa quarta-feira, quando os apóstolos reuniram-se no jardim de Celsus para a refeição do meio-dia. Durante a maior parte da noite, e desde que eles se tinham levantado naquela manhã, Simão Pedro e Simão zelote haviam estado trabalhando sinceramente com os seus irmãos, para trazê-los até aquele ponto de aceitação, de todo o coração, do Mestre, não meramente como o Messias, mas também como o Filho divino do Deus vivo. Os dois Simãos estavam quase de acordo, nas suas considerações sobre Jesus, e trabalharam diligentemente para trazer os seus irmãos à plena aceitação da visão que eles tinham. Enquanto André continuava como dirigente geral do corpo apostólico, o seu irmão, Simão Pedro, estava tornando-se, por consenso geral, cada vez mais, o porta-voz dos doze.

157:4.3 (1747.1) Estavam todos assentados no jardim, exatamente ao meio-dia, quando o Mestre apareceu. Eles exibiam expressões de solenidade dignificada, e todos se puseram de pé quando Jesus se aproximou deles. E Jesus aliviou a tensão com aquele sorriso amigável e fraterno, tão característico dele quando acontecia que os seus seguidores levavam a si próprios, ou a algum acontecimento ligado a eles, demasiadamente a sério. Com um gesto de comando, indicou que deveriam todos se sentar. Nunca mais os doze saudaram o seu Mestre levantando-se, quando ele se aproximava. Aperceberam-se de que ele não aprovava uma demonstração tão exteriorizada de respeito.

157:4.4 (1747.2) Depois de haver compartilhado a refeição e quando estavam empenhados em discutir os planos da próxima viagem pela

Decápolis, Jesus, subitamente olhando-os nos seus rostos, disse: “Agora, que se passou todo um dia, desde que vós consentistes na declaração de Simão Pedro a respeito da identidade do Filho do Homem, eu gostaria de perguntar se ainda vos mantendes fiéis àquela conclusão?” Ao escutar isso, os doze puseram-se de pé, e, dando uns passos na direção de Jesus, Simão Pedro disse: “Sim, Mestre, nos mantemos. Nós cremos que tu és o Filho do Deus vivo”. E Pedro voltou a assentar-se junto com os seus irmãos.

157:4.5 (1747.3) Jesus então, ainda de pé, disse aos doze: “Sois meus embaixadores escolhidos, contudo, nas circunstâncias atuais, sei que não poderíeis chegar a essa crença em resultado de um conhecimento meramente humano. Esta é uma revelação do espírito do meu Pai ao interior das vossas almas. E, assim, por confessardes essa convicção, vinda do discernimento do espírito do meu Pai residente dentro de vós, sou levado a declarar que sobre esse fundamento eu edificarei a fraternidade do Reino do céu. Sobre essa rocha de realidade espiritual, edificarei o templo vivo da fraternidade espiritual, das realidades eternas do Reino do meu Pai. Todas as forças do mal e as hostes do pecado não prevalecerão contra essa fraternidade humana de espírito divino. E, enquanto o espírito do meu Pai for o guia e o mentor divino de todos que entrarem nos laços dessa fraternidade do espírito, a vós e aos vossos sucessores eu entrego agora as chaves do Reino exterior — a autoridade sobre as coisas temporais — , as partes sociais e econômicas essenciais dessa associação de homens e mulheres, como companheiros neste Reino”.

E, novamente, ele os incumbiu, por enquanto, de não dizer a ninguém que era ele o Filho de Deus.

157:4.6 (1747.4) Jesus estava começando a ter fé na lealdade e na integridade dos seus apóstolos. O Mestre concebia que uma fé que pôde resistir a tudo aquilo pelo qual os seus representantes escolhidos tinham passado recentemente, sem dúvida, resistiria às provações veementes que tinham pela frente e, pois, que essa fé emergiria do naufrágio aparente de todas as esperanças deles, na nova luz de uma nova dispensação e, assim, essa fé seria capaz de continuar a iluminar um mundo que permanecia nas trevas. Nesse dia, o Mestre começou a crer na fé dos seus apóstolos, exceto na de um deles.

157:4.7 (1747.5) E, desde aquele dia, esse mesmo Jesus esteve construindo aquele templo vivo sobre aquela mesma fundação eterna da sua divina filiação; e, aqueles que, assim, se tornaram os filhos conscientes de Deus, passaram a ser as pedras humanas a constituir-se neste templo vivo de filiação, erigido para a glória e a honra da sabedoria e do amor do Pai eterno dos espíritos.

157:4.8 (1747.6) E, quando terminou de falar, Jesus ordenou aos doze que fossem, a sós, até as colinas, em busca de sabedoria, força e guiamento espiritual, até a hora da refeição da noite. E eles fizeram o que o Mestre lhes havia aconselhado.

5. O Novo Conceito

157:5.1 (1748.1) O aspecto novo e vital da confissão de Pedro era o reconhecimento claro e nítido de que Jesus era o Filho de Deus, da Sua inquestionável divindade. Desde o seu batismo e das bodas em Cana, esses apóstolos o haviam, de modos variados, considerado como o Messias; contudo, não fazia parte do conceito judeu do Libertador nacional que ele devesse ser *divino*. Os judeus não haviam ensinado que o Messias teria uma origem divina; ele deveria ser “o ungido”, mas dificilmente eles o teriam considerado como sendo “o Filho de Deus”. Quando da segunda confissão dos apóstolos, foi colocada mais ênfase na *natureza combinada*, no fato superno de que ele era o Filho do Homem e o Filho de Deus; e foi nessa grande verdade, da união da natureza humana com a natureza divina, que Jesus declarou que ele iria construir o Reino do céu.

157:5.2 (1748.2) Jesus havia buscado viver a sua vida na Terra e completar a sua missão de auto-outorga como o Filho do Homem. Os seus seguidores estavam dispostos a considerá-lo o Messias esperado. Sabendo que jamais poderia atender àquelas expectativas messiânicas, Jesus esforçou-se para efetuar essa modificação no conceito que faziam do Messias, de um modo que o capacitava parcialmente a satisfazer as expectativas deles. Agora, entretanto, ele reconhecia que um tal plano dificilmente poderia ser levado adiante com êxito. E, portanto, escolheu ousadamente revelar o terceiro plano — o de anunciar abertamente a sua divindade, de reconhecer a

verdade da confissão de Pedro, e, diretamente, proclamar aos doze que de fato era um Filho de Deus.

157:5.3 (1748.3) Durante três anos, Jesus estivera proclamando ser o “Filho do Homem”, enquanto, durante esses mesmos três anos, os apóstolos haviam insistido cada vez mais no fato de que ele era o esperado Messias judeu. E, agora, ele revelava ser o Filho de Deus, e, que sobre o conceito da *natureza combinada* de Filho do Homem e de Filho de Deus, ele determinara edificar o Reino do céu. Jesus decidira não fazer mais esforços para convencê-los de que não era o Messias. E propunha, agora, ousadamente revelar a eles o que ele é, e, então, ignorar a determinação deles de persistir em considerá-lo o Messias.

6. Na Tarde Seguinte

157:6.1 (1748.4) Jesus e os apóstolos permaneceram mais um dia na casa de Celsus, esperando que os mensageiros de Davi Zebedeu chegassem com os fundos. Em seguida ao colapso da popularidade de Jesus junto às massas, ocorreu uma grande queda na receita. Quando eles chegaram a Cesaréia-Filipe, o fundo de caixa estava esvaziado. Mateus permaneceu relutante em deixar Jesus e os seus irmãos nessas circunstâncias, mas, realmente, não possuía fundos próprios disponíveis para passar a Judas, como tantas vezes fizera no passado. Contudo, Davi Zebedeu havia previsto essa provável diminuição da receita e, por isso mesmo, instruiu aos seus

mensageiros para, enquanto percorriam o caminho da Judéia, Samaria e Galiléia, que atuassem como coletores de dinheiro, o qual seria enviado aos apóstolos exilados e ao seu Mestre. E assim, na noite daquele dia, esses mensageiros chegaram de Betsaida trazendo fundos suficientes para sustentar os apóstolos até o seu retorno, com o fito de embarcar para a campanha da Decápolis. Mateus esperava ter o dinheiro da venda da sua última propriedade em Cafarnaum naqueles dias, tendo arranjado para que esses fundos fossem anonimamente revertidos para Judas.

157:6.2 (1749.1) Nem Pedro, nem os outros apóstolos possuíam uma concepção muito adequada da divindade de Jesus. Eles mal divisavam que esse seria o começo de um novo período na carreira do seu Mestre na Terra, o período em que o instrutor- curador estava tornando-se o Messias recentemente concebido — o Filho de Deus. Desse momento em diante um novo tom surgiu na mensagem do Mestre. Doravante, o seu único ideal de vida seria a revelação do Pai, enquanto a única idéia do seu ensinamento seria apresentar ao seu universo a personificação daquela sabedoria suprema que apenas pode ser compreendida sendo vivida. Ele veio para que todos nós pudéssemos ter a vida; e tê-la mais abundantemente.

157:6.3 (1749.2) Jesus entrava agora no quarto e último estágio da sua vida humana na carne. O primeiro estágio fora o da sua infância, os anos em que ele era apenas indistintamente consciente da sua origem, natureza e destino, como um ser humano. O segundo estágio foi aquele de uma autoconsciência crescente, nos anos da sua adolescência e da sua juventude de homem; e durante o qual ele veio

a compreender mais claramente a sua natureza divina e a sua missão humana. Esse segundo estágio terminou com as experiências e as revelações ligadas ao seu batismo. O terceiro estágio da experiência terrena do Mestre estendeu-se, do batismo, até os anos da sua ministração como mestre e curador e até a memorável hora da confissão de Pedro em Cesaréia-Filipe. Esse terceiro período da sua vida terrena abrangeu os tempos em que os seus apóstolos e seguidores imediatos o conheceram como o Filho do Homem, ainda considerando-o o Messias. O quarto e último período da sua carreira terrena começou aqui, em Cesaréia-Filipe, e estendeu-se até a crucificação. Esse estágio da sua ministração foi caracterizado pela sua declaração de divindade e abrange as obras do seu último ano na carne. Durante o quarto período, enquanto a maioria dos seus seguidores ainda o considerava o Messias, Jesus se fez conhecer aos apóstolos como o Filho de Deus. A confissão de Pedro marcou o início do novo período; o da compreensão mais completa da verdade, como um Filho auto-outogado em Urântia, mas cuja ministração suprema, de Filho, abrangia um universo inteiro; e pelo reconhecimento desse fato, ainda que nebulosamente, da parte dos seus embaixadores escolhidos.

157:6.4 (1749.3) Assim Jesus confirmou, na sua vida, o que ensinou na sua religião: o crescimento da natureza espiritual pela técnica do progresso vivo. Ele não colocou ênfase, como o fizeram os seus seguidores posteriores, na luta incessante entre a alma e o corpo. E ele ensinou mais, que o espírito era facilmente um vitorioso sobre

ambos; além de ser eficiente na reconciliação proveitosa de grande parte dessa batalha entre o intelecto e o instinto.

157:6.5 (1749.4) Um novo significado acompanha, então, todos os ensinamentos de Jesus, desse ponto em diante. Antes de Cesaréia-Filipe ele apresentara o evangelho do Reino como um mestre-instrutor. Depois de Cesaréia-Filipe ele surgiu, não meramente como um instrutor, mas como um representante divino do Pai eterno, centro e círculo deste Reino espiritual; e foi preciso que ele fizesse tudo isso como um ser humano, o Filho do Homem.

157:6.6 (1749.5) Jesus havia-se esforçado sinceramente para conduzir os seus seguidores ao Reino espiritual, inicialmente como um instrutor e, depois, como um mestre-curador, mas eles não aceitaram isso. Ele sabia muito bem que a sua missão terrena não iria, possivelmente, satisfazer às expectativas messiânicas do povo judeu; os profetas de outrora haviam retratado um Messias que ele não poderia jamais ser. Jesus buscara estabelecer o Reino do Pai como Filho do Homem, mas os seus seguidores não quiseram lançar-se nessa aventura. Jesus, percebendo isso, então, escolheu satisfazer parcialmente aos seus crentes, e, ao fazer isso, preparou-se abertamente para assumir o papel do Filho auto-outorgado de Deus.

157:6.7 (1750.1) E, desse modo, os apóstolos ouviram muitas coisas novas, quando Jesus conversou com eles nesse dia no jardim. E alguns desses pronunciamentos soaram estranhos, até mesmo para

eles. Entre outros anúncios surpreendentes, eles ouviram alguns como os seguintes:

157:6.8 (1750.2) “De agora em diante, se um homem quiser um lugar em nossa fraternidade, que ele assuma as obrigações da filiação e me siga. E, quando eu não estiver mais convosco, não penseis que o mundo tratar-vos-á melhor do que o fez ao vosso Mestre. Se vós me amais, preparai-vos para provar essa afeição com a vossa disposição de fazer o sacrifício supremo”.

157:6.9 (1750.3) “E observai as minhas palavras: Eu não vim para chamar os justos, mas os pecadores. O Filho do Homem não veio para que se lhe ministrassem; mas, sim, para que ele próprio ministrasse e desse sua vida como dádiva a todos. Eu declaro- vos que vim para buscar salvar aqueles que estão perdidos.

157:6.10 (1750.4) “Nenhum homem neste mundo agora vê o Pai, exceto o Filho que veio do Pai. Mas, se o Filho for elevado, ele elevará todos homens consigo e, quem acreditar nessa verdade de que a natureza do Filho é uma combinação de Pai-Filho, receberá o dom de uma vida que transcenderá a todas as idades.

157:6.11 (1750.5) “Ainda não podemos proclamar abertamente que o Filho do Homem é o Filho de Deus, mas isso foi revelado a vós; e é por isso que eu falo ousadamente a vós sobre tais mistérios. Embora eu me apresente diante de vós por meio desta presença física, eu venho de Deus, o Pai. Antes que Abraão fosse, eu sou. Eu vim do Pai, para este

mundo, como me conhecestes; e declaro-vos que, em breve, devo deixar este mundo e retomar o serviço do meu Pai.

157:6.12 (1750.6) “E, agora, em face das minhas palavras, poderá a vossa fé compreender a verdade sobre a qual eu vos estou prevenindo, de que o Filho do Homem não irá satisfazer as expectativas dos vossos pais, nem ser o Messias como eles conceberam? O meu Reino não é deste mundo. Podeis acreditar na verdade a meu respeito, diante do fato de que, embora as raposas tenham tocas e os pássaros do céu tenham ninhos, eu não tenho onde repousar a minha cabeça?

157:6.13 (1750.7) “Entretanto, vos digo que o Pai e eu somos Um. Aquele que me tiver visto, terá visto o Pai. O meu Pai está trabalhando comigo, em todas estas coisas, e Ele nunca me deixará sozinho na minha missão, do mesmo modo que nunca eu vos abandonarei, quando, em breve, sairdes para proclamar este evangelho pelo mundo.

157:6.14 (1750.8) “E agora, eu vos trouxe comigo e, por um momento, vos peço que fiquéis a sós, para que possais todos compreender a glória, e para que diviseis a grandeza da vida para a qual eu vos chamei: a aventura da fé, do estabelecimento do Reino do meu Pai nos corações da humanidade; da edificação da minha fraternidade de associação viva com as almas de todos aqueles que acreditam neste evangelho”.

157:6.15 (1750.9) Os apóstolos ouviram essas declarações ousadas e surpreendentes em silêncio; e ficaram atordoados. E se dispersaram,

em grupos pequenos, para discutir e ponderar sobre as palavras do Mestre. Eles haviam confessado que ele era o Filho de Deus, mas não podiam captar inteiramente o que significava tudo aquilo que tinham sido levados a fazer.

7. As Palavras de André

157:7.1 (1750.10) Naquela noite André trouxe para si a tarefa de ter uma palavra pessoal e questionadora com cada um dos seus irmãos; e teve conversas proveitosas e encorajadoras com todos os condiscípulos, exceto Judas Iscariotes. André nunca havia tido uma ligação pessoal íntima com Judas, como tivera com os outros apóstolos, e assim não havia dado maior importância ao fato de que Judas nunca se relacionara, confiante e livremente, com ele como dirigente do corpo apostólico. Mas André estava, agora, tão preocupado com a atitude de Judas que, mais tarde naquela noite, após todos os apóstolos adormecerem profundamente, procurou Jesus e disse ao Mestre sobre a causa da sua ansiedade. Jesus disse-lhe: “Não é inoportuno, André, que tenhas vindo a mim com essa questão; contudo, nada mais há que possamos fazer; apenas continue colocando a maior confiança possível nesse apóstolo. E nada digas, aos irmãos dele, a respeito dessa conversa que tiveste comigo”.

157:7.2 (1751.1) E isso foi tudo o que André conseguiu extrair de Jesus. Sempre tinha havido alguma estranheza entre esse judeu e os seus irmãos galileus. Judas havia ficado chocado com a morte de João

Batista; ficara severamente magoado com as repreensões do Mestre em várias ocasiões; chegara a desapontar-se, quando Jesus se recusou a ser proclamado rei; sentira-se humilhado quando o Mestre fugiu dos fariseus; sentira pesar quando ele não aceitou o desafio dos fariseus, de dar um sinal; desnorteara-se com a rejeição do Mestre de recorrer a manifestações de poder e, agora, mais recentemente, estivera deprimido e, algumas vezes, desanimado com uma tesouraria vazia. E Judas sentia falta do estímulo das multidões.

157:7.3 (1751.2) Cada um dos outros apóstolos também se via afetado de algum modo e em graus distintos, por essas mesmas provações e atribulações; mas eles amavam Jesus. Ou pelo menos deviam ter amado o Mestre mais do que Judas, pois eles acompanharam-no até o fim amargo.

157:7.4 (1751.3) Sendo da Judéia, Judas ofendeu-se pessoalmente com o recente aviso de Jesus aos apóstolos para “terem cuidado com a influência dos fariseus”; e tinha a tendência de considerar essa afirmação como uma referência velada, a ele próprio. Mas o grande erro de Judas foi que, repetidas vezes, quando Jesus enviava os seus apóstolos para irem orar sozinhos, Judas, em vez de entrar em comunhão sincera com as forças espirituais do universo, permitia-se pensamentos de temor humano e, ao mesmo tempo, persistia em alimentar dúvidas imponderáveis sobre a missão de Jesus, bem como em ceder à própria tendência infeliz de manter sentimentos de vingança.

E, agora, Jesus gostaria de levar os seus apóstolos junto consigo ao monte Hermom, onde ele decidira inaugurar a sua quarta fase de ministração, na Terra, como o Filho de Deus. Alguns deles estavam presentes ao seu batismo, no Jordão, e haviam testemunhado o começo da sua carreira como Filho do Homem; e ele desejava que alguns deles também estivessem presentes para ouvir a autorização que ele receberia de assumir a nova posição pública de Filho de Deus. E, desse modo, na manhã de sexta-feira, 12 de agosto, Jesus disse aos doze: “Cuidai das provisões e preparai-vos para ir àquela montanha, onde o espírito me diz para ir e receber a dotação para terminar o meu trabalho na Terra. E eu gostaria de levar junto comigo os meus irmãos, para que também eles possam ser fortalecidos para os tempos difíceis durante os quais me acompanharão, até o fim desta experiência”.